

ADOLESCÊNCIA E FEMINILIDADE NO ANEXO SECRETO

ADOLESCENCE AND FEMINITY IN THE *SECRET ANNEX*

ADOLESCENCE ET FEMINITÉ À L'*ANNEXE SECRÈTE*

ADOLESCENCIA Y FEMINILIDAD EN EL *ANEXO SECRETO*

Cândido Alberto da Costa Gomes

Senado Federal e da Assembleia Nacional Constituinte, Brasília, Brasil

Instituto de Estudos Superiores de Fafe, Fafe, Portugal

RESUMO: Este trabalho focaliza o desenvolvimento da adolescência em condições adversas, isto é, durante um genocídio. Foram analisados como formas de auto expressão os escritos de Anne Frank, pelas lentes teóricas sobretudo de Simmel e Foucault. Assim, considera-se o Anexo Secreto, onde se refugiou, uma heterotopia ou não lugar. Indaga-se a respeito dos genocídios como manifestação do biopoder forma de estrangeirização. No âmbito das relações de poder do refúgio, Anne se individualiza, desenvolve seu protagonismo e subjetividade, a interligar a busca de novas feminilidades, as reflexões políticas e uma rigorosa autocrítica, que a faz repensar-se.

Palavras-chave: adolescência, heterotopia, genocídios, feminilidades.

ABSTRACT: This paper focuses on adolescence development under difficult circumstances, the practice of a genocide. It analyses Anne Frank's writings as forms of self-expression, according especially to Simmel and Foucault. The Secret Annex, her refuge, is a heterotopia or no place. Furthermore, this paper questions genocides as biopower since several millennia. In the context of power relations in her hideout, Anne achieves individuality, develops herself as a protagonist, and reaches her subjectivity. She interrelates the search for new femininities, political reflections and a rigorous self-criticism, leading her to continuous rethinking.

Keywords: adolescence, heterotopia, genocides, femininities.

RÉSUMÉ: Ce travail approche le développement adolescent sous circonstances difficiles, l'exécution d'un génocide. Il analyse les écrits de Anne Frank comment manifestations d'auto-expression, selon Simmel et Foucault, particulièrement. L'Annexe Secrète, son refuge est une hétérotopie ou non-lieu. Le texte discute aussi les génocides comment des formes de bio pouvoir il y a des millénaires. Dans les enjeux de relations de pouvoir à son refuge, Anne développe son individualité, son protagonisme y arrive à sa subjectivité. Elle établit des relations entre la recherche des nouvelles fémininités, des réflexions politiques et une rigoureuse autocritique, qui la conduit à la repensée continue.

Mots-clés: adolescence, hétérotopie, génocides, fémininités.

RESUMEN: Este trabajo focaliza el desarrollo adolescente bajo difíciles circunstancias, la práctica de un genocidio. Analiza los escritos de Ana Frank como formas de autoexpresión, según especialmente Simmel y Foucault. El Anexo Secreto, su refugio, es una heteropía o no lugar. Además, el texto cuestiona los genocidios como manifestaciones de bio poder en el siglo XX, ya que ellos ocurren hace milenios. En el contexto de relaciones de poder del refugio, Ana alcanza su individualidad, se desarrolla como protagonista y llega a su subjetividad. Ella interrelaciona la búsqueda por nuevas feminidades, reflexiones políticas y una rigurosa autocritica, que la conduce al continuo repensar.

Palabras-clave: adolescencia, heterotopía, genocidios, feminidades.

1. Um labirinto de escadas quase verticais

Nos cômodos baixos e apertados todas as janelas se encontravam cerradas. Lâmpadas amarelas lançavam sua luz mortiça. Só chegando ao sótão era possível haurir o ar fresco, ver o céu e constatar as voltas do tempo no castanheiro, hoje ausente, depois de grande tempestade. De lá também se viam as gaivotas *luzindo de prata* (Frank, 2017: 221), e a torre da Westerkerk, cujos sinos soavam o tempo e conferiam uma sensação de continuidade em meio à anomia da guerra. Este era o Anexo Secreto, refúgio onde Anne Frank (1929-45), judia, viveu confinada em parte da sua adolescência, durante o genocídio da Segunda Guerra Mundial. Hoje é um museu, com paredes claras, fotografias de Anne sorridente e cabelos esvoaçantes, faces felizes da adolescência, junto à reprodução de trechos do seu *Diário*. Não há móveis, uma vez que os nazistas tudo retiraram. O ambiente claro e a movimentação contínua dos visitantes tornam as lembranças menos lúgubres. Este é o cenário onde Anne desenvolveu sua profunda auto expressão, após perder os seus companheiros de idade, vivendo sob o constante olhar dos adultos e condições muito limitadas de privacidade física. Que nos ensinam os escritos dessa adolescente em condições tão hostis ao desenvolvimento da própria adolescência? Como se articulam, no contexto histórico, as pressões do poder extra e intergrupar, a emergência de uma nova feminilidade e as tensões intergeracionais com o desenvolvimento da identidade, do protagonismo e da autonomia?

2. Adolescência: botão e rosa

Anne, com 13 anos, se encontrava no processo de adolescência, florescimento ambíguo, retratado por Machado de Assis (1994) como “...idade inquieta e duvidosa. /Que não é dia claro e é já o alvorecer. / Entreaberto botão, entrefechada rosa, / Um pouco de menina e um pouco de mulher.” Que é a adolescência, revestida desta poesia, como um pêndulo a mover-se de botão a flor?

Embora a puberdade seja universal, o alongamento da vida humana desde a pré-História conduziu a uma espécie de limbo entre a infância e a idade adulta. Com a redução do trabalho infantil e a extensão da escolaridade, o Ocidente modelou as características deste período introdutor de tantas mudanças biopsicossociais, com variações no tempo e nos espaços geográfico e social. Hall (1905) a descrevia como um período preparatório à vida adulta, numa perspectiva faseológica. Contudo, esta visão pioneira não é hoje a única. Ao mesmo tempo alvo de admiração e de medo da rebeldia, a adolescência pode ser vista como etapa preparatória da adultez, seguindo o modelo masculino, ocidental, branco e heterossexual, em que se suprem os déficits e se controlam os impulsos pelo regramento, como se as personalidades fossem de barro para os oleiros modelarem futuros adultos. Vivendo período com fins em si ou que molda para a vida adulta, a/o adolescente passa por dúvidas estruturais, ácidas críticas, desvendamento de segredos, construções e desmoronamentos de esperanças. Passando da relativa heteronomia, desenvolve a autonomia e o protagonismo, como ser que transita da voz passiva para a ativa. O mundo íntimo se desdobra e se oculta de grande parte das pessoas, em especial os adultos. Máscaras e faces se alternam na vida, na aprendizagem da conciliação de expectativas opostas, de adultos e colegas. É como um ser na corda bamba, durante tempo dilatado, que se articula com uma também longa juventude, antes de adquirir a completa autonomia.

Para controlar e orientar estas pessoas, as sociedades criam escolas obrigatórias, cada vez mais duradouras em anos e jornada. Supõem-nas tão virtuosas que, quanto mais, melhor. A frequência compulsória e os sucessos esperados permanecem com ou contra a vontade das/os adolescentes, que sentem na pele os filtros educacionais, logo traduzidos em trajetórias sociais diferentes. Em

meio a sofrimentos e gozos, costumam encontrar nos estabelecimentos educacionais suas/seus colegas e amigas/os, pessoas que vivem dramas idênticos, também no centro de um vórtice contraditório de pluralização (ser igual aos pares) e singularização (individualização), de integração e estratégia. A adolescência é o caso mais substancial e mais típico da experiência social, não porque é uma conjuntura sócio histórica, mas pela imperiosa necessidade de combinar diversas lógicas de ação (opostas, quando não antagonistas) no ingresso na sociedade, hoje com ritos de passagem diluídos. Desta dinâmica emergem a subjetividade e a reflexividade do ator (Cuin, 2011; Dubet, 2017).

O pioneiro Coleman (1963), ao estudar a sociedade americana, analisou as teias da sociedade da adolescência. Com a diminuição das funções da família e o aumento das da escola, os adolescentes vieram a constituir uma sociedade à parte, com os seus próprios valores, padrões de comportamento e códigos de conduta, em certos casos antípodas aos da escola. Assim, ser um “nerd” significa não ser “cool”, correspondendo a um baixo status entre colegas. Já atletas e meninas bonitas, nesta ordem, alcançavam alto status e se tornavam influentes como modelos, influenciados pela cultura de massa. Desse modo, desenvolviam sua subjetividade e protagonismo no emaranhado das ordens sociais formais e informais da escola e do bairro. No princípio, predomina a força atrativa da pluralização, integrar-se ao grupo, ser como os seus componentes, não raro divididos em “tribos”, em que a glória é o pináculo da popularidade (Cillesen, Schwartz, Mayeux, 2011). Segue-se o amadurecimento, o alívio da coerção grupal, com a singularização a contraditar a pluralização (Barrère, 2013). Nestes vestíbulos sociais, onde sopram brisas e vendavais, as/os adolescentes fazem opções. Protagonistas, precisam criar algo seu, individual e coletivamente, como os cantos e recantos de convivência, refúgios para fazerem o que quiserem distante da supervisão adulta (Pais, 2005; Ramos, Singly, 2016). Os seus espaços, a música, a dança, os tempos grupais, as suas culturas constituem obras de que são coautoras/es. Estas bolhas frágeis, atam e desatam laços e redes, ao mesmo tempo que, entre as/os iguais, se desenvolvem as pressões e a proteção das/os *iguais*.

Anne vivia neste redemoinho, cercada de colegas e admiradores, quando a chegada da Guerra a obrigou ao refúgio no Anexo Secreto, onde sua vida continuaria a se transformar. Era uma frágil proteção contra o estigma e o genocídio, onde havia mais dois adolescentes, a irmã mais velha, Margot, e Peter, além de três amigos da família. Seu reduzido espaço, como se vê ainda hoje, era dividido com um adulto. Na convivência encontrava-se exposta às vigilantes críticas e sanções dos adultos, num círculo vicioso de mal-estar mútuo. Revoltada e contestadora, ninguém melhor que ela para ilustrar que a/o adolescente não é um ser passivo, pronto para a mão dos oleiros. Neste processo, acordou ainda mais os olhos críticos para a sua família, os outros e o mundo, como uma nova estranha dentro da estranheza. No esconderijo experimentou o não lugar, um labirinto que a conduzia ora à esperança, ora ao terror da iminência da morte.

Como processo complexo, a adolescência é também alvo da sociologia, já que, independentemente das disposições psicofisiológicas, elas/es vivem intensamente a condição social, que, nas suas interações, são chamadas/os a gerir sua relação com sistemas normativos institucionais. Ademais, em que pese o desenvolvimento da sua intencionalidade própria, autonomia relativa e protagonismo, as/os adolescentes têm reduzida capacidade jurídica e econômica para serem ouvidos ou fazerem algo (Cuin, 2011). Era a situação de Anne, a sentir as

perseguições nazistas pelas frestas das janelas sem nada poder fazer, enquanto era tratada em público como criança indisciplinada e irritante.

3. Estranheza e exílio

Outra perspectiva é a do conceito de estrangeiro ou estranho sociológico, cunhado por Simmel (2012). O estrangeiro é uma forma social, não necessariamente uma pessoa, que se confirma pela união do próximo e do longínquo, unindo as duas pontas de um fio. Desenraizado do novo grupo, aproxima-se com “objetividade”, também definida por liberdade. Assim, é capaz de ver o que as pessoas imersas no grupo não veem – ou encara o novo sob a sua ótica. Schütz (2012), por sua vez, amplia a definição de forasteiro, de migrante que busca ser aceito ou tolerado em outro lugar. Como exemplos, o candidato a sócio de um clube exclusivo ou o pretendente que deseja ser aceito pela família da noiva. Com ou sem referência ao espaço físico e social, decorrem os tempos interior e exterior, quando experiências novas e anteriores recebem novos significados, como o castanheiro de Anne mudava sazonalmente a sua roupagem.

Com esse conceito alargado, pode-se considerar a adolescência como um ingresso na sociedade ou o ritual *début*. Mudando as formas de agir, pensar e sentir, as/os adolescentes emergem como estranhas/os num mundo que não viam sob certos ângulos ou detalhes, antes opacos. Em sua rota de autonomia e protagonismo, veem os adultos diferentemente, como Anne. Utiliza limitada objetividade e exerce a liberdade, floresce, introjeta-se e extrojeta-se. A paisagem é a mesma, porém a visão descerra o novo, não raro surpreendente quanto às luzes e sombras.

Nesse contexto, surgem estereótipos de uns e outros, os adultos pelas/os adolescentes e vice-versa. O mesmo ocorre com o estrangeiro que chega ao exogrupo ou convive com o endogrupo no bojo da sociedade. Nesses horizontes, situam-se as minorias em termos de poder, a exemplo das mulheres, grupos étnicos e participantes de determinadas culturas, incluindo religiões e posições políticas. A pluralidade é rica, no entanto, preconceitos e estereótipos se multiplicam como cogumelos venenosos, numa catalogação hierárquica das gentes, criada pelos dominantes, de modo a situar pessoas e grupos em degraus, inclusive confinando-as em guetos. Estratégias políticas, como a de criar um bode expiatório, como os judeus, tendem a ser eficazes ao menos a curto prazo, em especial quando existem componentes religiosos. Tal hierarquização contrasta com a dimensão comum dos direitos humanos, com base na dignidade inerente a todos, em que cada pessoa é sujeito.

Por quê? Butler (2010) assinala as diferenças como vetores de poder, a definir minorias e maiorias. Desta relação surgem movimentos de lealdade e deslealdade mútuos, como se coexistissem dentro de cada um de nós Abel e Caim, Eros e Tânatos. Ideais de “pureza” étnica e religiosa, na realidade, devaneios políticos, são o manto simulador de sistemas de poder e interesses, pois, quanto mais disfarçados, mais efetivos. Pode-se indagar por que os judeus e os moçárabes, estes cristãos, foram perseguidos na Península Ibérica, em especial no século XVI. Que interesses feriam?

Desse modo, ao chegarem a algum lugar, as pessoas são estrangeiras espacialmente e podem ser estrangeiras dentro da própria sociedade e em circunstâncias como a adolescência. Anne, nascida em Francoforte, migra para Amsterdão com a família, quando o nazismo ascendeu na Alemanha. Os Países Baixos, na Guerra, ficam sob o mesmo regime, quando não há outra

alternativa a morrer senão refugiar-se. Esta “imigração” clandestina, acrescida à anterior, se soma à condição auto exílica de ser adolescente em tempos bélicos. Se o deslocamento da Alemanha aos Países Baixos foi uma migração forçada, a passagem à clandestinidade é de fato nova condição exílica, isto é, o aproveitamento de uma definição identitária para proporcionar um lugar sob nuvens e estrelas, a fim de se orientar. Os “sem Estado” são igualmente “sem direitos”, despojados do direito a ter direitos (Nouss, 2016). Basta um golpe de pena, antes como agora, para criminalizar pessoas que buscam fugir à morte, guerra ou penúria.

Cabe recordar que Anne se educou formal e informalmente nos Países Baixos, porém escreveu seu *Diário* em alemão, ou seja, sua auto expressão mais profunda e afetiva se deu na primeira língua. Proscrita pelo regime, tornou-se um “ser-fronteira” (Nouss, 2016) em três círculos de exílio: os Países Baixos, o Anexo e o desenvolvimento da sua subjetividade. Anne floresce para dentro e para fora. Sem as condições de espaço e o apoio de uma rede de colegas e amigos, convivendo com adultos já abjurados por ela como modelos ideais, não conseguindo manifestar a sua intimidade, Anne escreve para desaguar suas emoções íntimas. Sentindo-se incompreendida e injustiçada, recorre à amiga imaginária na penumbra da sua angústia. A auto expressão escrita é o sustentáculo para o seu intenso trabalho psíquico: nela o eu se reconhece e se desenvolve.

4. O Anexo Secreto como heterotopia

O Anexo se torna cenário do autoexílio, envolto em angústia, onde existe um leque de restrições de espaço, tempo, movimentação, ruído, luz, alimentação e até higiene. Para Foucault (2004, 2013), o corpo é uma topos implacável, ele vai onde eu me desloco. Quando a identidade é criminalizada, por ser migrante, um grupo “impuro” que “mancha” a sociedade ou a religião, há três opções: esconder a identidade, fugir ou refugiar-se. Mas onde, se o corpo é intrínseco ao suposto “crime” decretado pelo poder vigente? As heterotopias podem apagar, neutralizar ou purificar as utopias. No primeiro caso, a heterotopia é uma forma de utopia realizada, nas quais todos os outros lugares reais que se pode achar no interior da cultura são representados, contestados e invertidos, espécie de lugares fora de lugares. Assim, o refúgio era uma heterotopia para Anne, enquanto a utopia para o Reich era a “purificação da raça superior”, com o extermínio. Desse modo, os campos eram heterotopias ignominiosas para as vítimas, porém, utopias para o Reich. Hoje as heterotopias de desvio, físicas ou em redes relacionais são os *loci* sociais e/ou geográficos onde se alocam indivíduos de comportamento desviante em relação à média ou às normas exigidas, como casas de repouso, clínicas psiquiátricas, casas para aposentados e prisões. Incluem-se também campos de concentração, de trabalhos forçados, de extermínio metódico ou não, de refugiados (não raro em lento extermínio), de migrantes clandestinos, assim como refúgios e esconderijos ilegais. A internet sombria é um dos espaços relacionais. Ademais, a heterotopia supõe um sistema de abertura e de encerramento que isola pessoas e grupos e as mantém impenetráveis, como a prisão, onde há ritos de purificação; as alcovas das casas grandes brasileiras, abertas aos viajantes, mas incomunicáveis com a família; as reduções jesuíticas no Paraguai, em que a vida cotidiana, “limpa e pura”, era regrada pelo toque do sino. A separação entre espaços de normalidade e anormalidade tem suas raízes na discriminação em face da alteridade. O outro é o diferente, excluído, em princípio perigoso e, por isso, confinado espacial e/ou socialmente. O seu acesso aos espaços normais gera inesperadas barreiras, patenteando aspectos invisíveis dos poderes normalizadores da sociedade.

Assim fez o Reich. Primeiro, definiu a superioridade dos arianos, perante a qual os demais grupos foram patologizados e inferiorizados, em especial os judeus, “culpados” da crise alemã. Isto se fez com base em preconceitos e estereótipos milenares, tanto sobre os “melhores” quanto sobre os “piores”. Em ritmo de assédio psicológico e físico, estes grupos foram gradativamente privados dos seus direitos, restritos, tornando-se assim isolados e estigmatizados. Em seguida, vêm as convocações dos judeus para trabalhos forçados, como a que foi endereçada a Margot. Depois desta, a única forma de impedir ou adiar a morte era o esconderijo. Por conseguinte, o Anexo se tornou uma heterotopia, um espaço de “anormalidade”. Apesar disso, as pessoas procuraram humanizá-lo, imprimindo-lhe ritmos, com esboço de espaços e tempos, no seio da provisoriamente.

O poder vigente define quem é normal ou anormal, superior ou inferior, útil e inútil para viver. Por mais abjetas que sejam, estas fronteiras persistem: brancos e minorias étnicas, brancos e negros, negros mais claros e mais escuros, grupos étnicos diferentes, exploradores e explorados, membros de religiões poderosas e menos poderosas, cidadãos e forasteiros. A morte funciona para “defesa da sociedade”, o poder tirando a vida para uma sociedade poder viver. Esta vida é agora da espécie ou da “raça”, um perigo biológico, de modo que o racismo moderno se tornou uma condição sob a qual o mesmo poder, com a função de fazer viver a sua população, se atribui o direito de matar em massa (Foucault, Rambeau, Leclair, 2006).

Nesta heterotopia Anne singrará os mares de uma parte do seu processo de adolescência. Passará pela menarca; sofrerá e se encantará com o rito de passagem das seguintes menstruações; admirará o seu novo corpo e se envolverá no desejo afetivo e erótico. Suas condições diferem das usuais, do mundo parcialmente “normal” em que antes se achava. No esforço de humanização do não espaço, utiliza a fala, com os outros e, sobretudo, consigo mesma, a escrita no *Diário*. Além de adolescente, a atravessar ponte pênsil fustigada pelos ventos, ela integra o “segundo sexo”: é mulher. Não mulher conforme os ideais patriarcais e, sim, mulher em busca de nova feminilidade?

5. Menina e mulher

Nascida um quarto de século depois de Hall (1904), Anne se situava em desvantagens superpostas quanto aos vetores de poder, que a haviam transformado num “ser-fronteira”: era menina-mulher, adolescente, integrante de uma minoria étnica, auto exilada e clandestina, oscilando entre a esperança e a morte. Em face da feminilidade, Anne, avançada para a época, risca uma fronteira entre a mulher do passado e a do futuro, que desejava ser. No passado se incluíam sua mãe e irmã, com modestas aspirações, a primeira recolhida ao lar, a segunda almejando trabalhar com crianças pequenas na Palestina, continuação do lar.

Mesmo com o trabalho dentro e fora de casa nas duas Guerras Mundiais, a mulher continuava como o “segundo sexo”, aquele em que o homem se pensa sem a mulher, mas a mulher não se pensa sem o homem (De Beauvoir, ([1949] 2015). Entretanto, Mead ([1928] 2001) já havia oferecido a lume sua pesquisa sobre um tema inusitado, a adolescência das meninas em Samoa, um ano antes de Anne nascer. As cores do tempo davam continuidade a lutas femininas anteriores. Na intimidade do seu *Diário*, Anne capta e exterioriza este *Geist*, recusando-se a ser oprimida, a carregar o estigma de inferior e dependente, a ser tragada pelo dualismo homem profissional/mulher doméstica. É mais uma dimensão complexa da sua adolescência, analisável na sua relação com Peter. Ela aspira a uma vida pública, como jornalista e escritora. Anne era rebelde porque divergia do patriarcalismo, ainda que mantivesse vieses machistas, pois desenvolvera uma

dependência aprendida. Com efeito, a escola e a família não são neutras, mas introduzem estereótipos. Há currículos e ocupações azuis e rosas, o jornalismo era azul. Porém, as novas feminilidades levaram meninas e mulheres a agarrarem as oportunidades escolares a partir do pós-guerra. Em meio século elas superaram meninos e homens no acesso, sucesso escolar e duração dos estudos, conquanto as diferenças sociais tenham diminuído mais devagar e, em certos casos, até tenham se ampliado (Duru-Bellat, Kieffer, Marry, 2003; Marguerite, 2008). A opção de Anne pelos estudos, como a de Margot, constituía exigência da família. A educação, pois, se tornou um elevador social para a independência da mulher, apesar de esta receber menores resultados ocupacionais e de renda que o homem (Touraine, 2006). A rebeldia era para Anne motor da sobrevivência: a luta por ser adolescente, mulher, judia, refugiada, futura cidadã e profissional. Ela delinea os contornos da esperança, virtude que, com a fé religiosa, a mantém viva. Por isso, projeta estes sonhos concretos para o fim da Guerra e continua a lutar, a se autocriticar e a mudar.

6. Sexualidade e poder

Neste ambiente de nova feminilidade, que não é a nova feminilidade de hoje (cf. Susini, 2018), Anne encontra o amor com Peter e se defronta com outra dimensão do poder, de relações desiguais. Primeiro, o poder internalizado da norma social, como sentir-se muito nova para a experiência, ousada no relacionamento erótico e pela iniciativa de conquistar seu namorado. Depois, o poder do seu pai, líder dos refugiados e chefe de família que carregava o peso do patriarcado. Amortecido sob a forma de poder paternal, é persuasivo, porém impositivo. É também o poder das reiteradas críticas do grupo a Anne por ser *uma criança malcriada*. Na relação erótica, Anne e Peter careciam de conhecimento sobre o sexo, parte da sua proibição, confiscado que foi na era vitoriana pela família conjugal (Foucault, 2016). Tanto que se brincava no refúgio que Anne e Peter se casariam, isto é, seus vínculos, envolvendo a sexualidade, eram admitidos apenas no âmbito da família conjugal, legitimada pelo casamento. A normatização do sexo, em oposição ao permitido, cria o proibido, que leva à excitação. A relação de poder já está lá onde se encontra o prazer. Conforme ainda Foucault (2016), o poder nada pode sobre o sexo e o prazer exceto lhes dizer não. Por sua vez, o caráter estritamente relacional do poder não existe senão em função de uma série de pontos de resistência, presentes em toda a sua rede. Dela emergem, entretanto, contradições e germes de mudança. Anne, profundamente ligada ao pai, abala a relação com ele com uma mensagem catártica, colocada no seu bolso. Recebe a resposta oral de Otto e se arrepende profundamente. Tinha se erigido como centro do grupo, sem se colocar no lugar dos demais. O rio da adolescência, ainda mais nas circunstâncias, não desliza em meandros, na planície, é rio encachoeirado, pleno de corredeiras. A autoridade paternal do líder do grupo devia ser seguida.

Esta relação microscópica de poder, embora altamente significativa para as pessoas envolvidas, era um pequeno ponto no âmbito da Guerra. Em torno do Anexo e no mundo se desenvolviam poderes genocidas. Por longo tempo um dos privilégios do poder soberano fora o de vida e morte. Ameaçado por inimigos externos, fazia legitimamente a guerra e mandava as pessoas participarem da defesa do Estado, matando e/ou morrendo se necessário. Além da vida/morte, poder é a definição de poder, isto é, entre outras formas de compreensão, um conjunto de relações de força numa sociedade, como as relações entre um homem e uma mulher, o operário e o contramestre, o que sabe e o que não sabe, o médico e o paciente. A verdade é tecida pelas relações de poder (Rambeau, Leclair, Foucault, 2006; Foucault, 2016), daí emergindo ideologias e contra ideologias. No caso, estas são expressões microscópicas, como ilhas no oceano da macroscopia. Mais que o

poder “clássico”, o Reich era um Estado totalitário que se arrogava o direito de matar e depurar sua população, com base em uma teoria da hereditariedade e do instinto, de modo a se apossar de bens, trabalho, dignidade e vida dos “inferiores”. Se o trabalho forçado não fosse rentável, vinha o extermínio. Não se tratava apenas de matar para poder viver, mas de um plano de dominação mundial pelos “superiores”, que, por isso, jamais poderiam ter perdido a Primeira Grande Guerra, muito menos a seguinte. Desde criança se aprendia a superioridade da “raça” e a injustiça da derrota alemã, onde se colou a minorias, como os judeus, o estigma de inimigos internos. Na ideologia forjou-se uma doutrina de convencimento, com sofisticação intelectual, para se selecionarem os mais fortes e se matarem os “impuros”, como judeus, ciganos, homossexuais, deficientes e outros. Assim buscavam vencer os fantasmagóricos inimigos de dentro e de fora, segundo horrendos rituais burocrático-militares (Ingrao, 2011). Sem a “solução final”, não se chegaria à vitória, previam. Desse modo, afirma Foucault (2006), o século XX praticava o poder moderno de matar, como os holocaustos, a ameaça atômica e a pena de morte. Marcava-se, assim, o ingresso na era do biopoder, cujos desdobramentos apenas vislumbramos. O sótão se inseria neste vórtice.

7. O diário

7.1. Antes do autoexílio

Ao completar 13 anos, Anne recebe um presente como marca de um rito de passagem: um diário para registrar sua privacidade, autonomia e protagonismo, enfim, para verter em palavras seu *self* particular. Nele se dirige a uma amiga imaginária. Entretanto, mesmo com as crescentes restrições aos judeus e sendo obrigada a mudar-se para uma escola israelita, revela-se socialmente integrada. Suas melhores colegas e amigas (em quem a rigor reconhece não poder confiar) são meninas, porém conta com vários meninos “admiradores” e sai com eles. No *Diário* confessa a primeira paixão, pelo primeiro Peter. Faz uma descrição crítica das colegas e dos garotos. Para estes as avaliações são polarizadas: divertido/chato, “mente suja”/decente.

Na escola fala demais. Um professor, depois de diversos avisos, passa-lhe a redação “Uma tagarela”. Anne não perde a face e, refletindo crenças vigentes, ligadas a supostas explicações biológicas, escreve que falar é característica feminina e que nunca poderia acabar com o hábito, pois sua mãe falava tanto ou mais que ela e era muito difícil mudar características herdadas. Depois de mais uma redação, a terceira foi “Quá, quá, quá, tagarelou a dona pata”. Crítica e criativa, decidiu vencer simbolicamente o professor com um poema, com a ajuda de uma colega: “[O professor] estava tentando fazer uma gozação comigo, passando aquele tema ridículo, mas eu ia fazer tudo para a piada se voltar contra ele” (Frank, 2017: 25). De fato, o docente não “se deu por achado”: leu o texto para a turma e outras salas de aula e, desde então, deixou Anne falar. Uma subjetividade habilidosa daquela que se dava bem com os professores, mas não tinha boas notas.

7.2 No Anexo Secreto

Em questão de dias cai a escuridão sobre o cenário. Na mudança para o espaço heterotópico, Anne corta os laços com as/os colegas. Lançada no meio de adultos confinados, sob fortes tensões, ela dependerá ainda mais do *Diário* para se auto expressar e elaborar seus conflitos. Agudamente crítica, analisa cada personagem do Anexo, diante das quais frequentemente é tratada não como adolescente, mas como criança. Já percebia que os adultos estão longe de ser exemplares, ao contrário, discutem por coisas mesquinhas. É obrigada a pôr a cabeça para fora do ninho de criança

e mergulhar num novo mundo como estranha. “Papai é o único que me compreende (...). Não suporto... quando falam de mim na frente de gente de fora, contando que chorei ou que estou me comportando de modo sensível” (Frank, 2017: 43). Sua mãe a critica, inclusive por falar demais no “depois da Guerra”, refúgio de esperança de Anne. Os choques maiores são com a mãe e a irmã, personagens que se acomodam ao mundo da inferioridade feminina. Incomoda-se com as suas baixas aspirações e faz questão de se diferenciar. Chega a odiar a mãe, que pouco a reconhece como adolescente. Irrita-se com Margot, sua irmã mais velha, considerada fraca e passiva: “É naturalmente boa, gentil e inteligente, a própria perfeição, mas parece que a minha maldade vale por nós duas” (Frank, 2017: 57). Percebida como mimada pelos Van Daan, sente-se o foco de quase todas as brigas, censuras, sermões e deboches. Reage com ironia, agressão e revolta: “Vivo zombando de Margot, dizendo que ela é um modelo de virtude e ela odeia que eu diga isso. Talvez eu a ensine a não ser tão boazinha” (Frank, 2017: 66). Não pretende “receber os insultos de cabeça baixa!” (Frank, 2017: 57).

Depois de três meses, apesar do ambiente tempestuoso e do papel de ovelha trespalhada, reconhece a sua adaptação a um espaço mínimo e à renúncia aos movimentos durante horas sem fim. Ao chegar o terceiro adolescente ao Anexo, Peter, logo o classifica, como Margot, de quieto e chato. Faz a mãe chorar pela sua rejeição e frieza, porém denuncia os seus comportamentos: “... [Diz] coisas que me furam como flechas lançadas por um arco muito retesado e que são quase impossíveis de ser retiradas do meu corpo” (Frank, 2017: 99). “A atmosfera é sufocante e pesada como chumbo” (Frank, 2017: 160). Esta é uma situação social em que a adolescência decorre todo o tempo sob os olhos inquiridores de adultos, no fogo vivo dos conflitos intergeracionais, sem contato com os pares, sem com eles trocar pensamentos e emoções, em face de descobertas e conflitos. Ou seja, é o avesso do desenvolvimento social e moral da adolescência.

Enfim, num exílio dentro do exílio, Anne perde sua rede de apoio social e o compartilhamento com outros adolescentes, para ser capturada por uma teia de relações em que sobressai o poder. Os adultos querem continuar a estabelecer a heteronomia a quem vive florescente autonomia e se revolta por ser tomada como objeto. Daí, segundo suas palavras, utilizar outra linguagem para ser ouvida: escolher batatas se lhe oferecem legumes, fazer barulho e quebrar coisas. Por isso, parece “destinada ao fracasso” (Frank, 2017: 57). Para Anne, é viver como numa cápsula de anormalidade no interior de um espaço de anormalidade. O *Diário* alcança muito maior relevância como meio de auto expressão: é a amiga que tudo ouve. “O que sobrou daquela Anne Frank? (...). Demorei mais de um ano para me acostumar a viver sem admiração” (Frank, 2017: 235). Eu não era totalmente feliz em 1942; costumava me sentir abandonada, mas como passava o dia inteiro na agitação... [tentava] preencher o vazio com piadas” (Frank, 2017: 236). Era a busca da superação do *storm and stress* da adolescência (Mead, ([1928] 2001).

7.3 Autocrítica

O sofrimento é intenso, contudo, flui o tempo e Anne conquista novas perspectivas. Rigorosa consigo mesma, faz sua autocrítica, arrependendo-se de comportamentos considerados injustos. Reexamina raiva, ódio e egoísmo ao reler o *Diário*. A mãe não a entendia, porém, a recíproca era verdadeira. Rompeu o círculo vicioso de ofensas e tristezas: “Terminou o período de lágrimas e julgamentos contra mamãe... Estou mais crescida” (Frank, 2017: 181). Bafejada pelo amor a Peter, parece superar a rivalidade com a irmã, aliada da mãe: “Está se tornando uma amiga de verdade. Não me acha mais uma criança sem importância” (Frank, 2017: 191). Explica suas reações:

apanhada desprevenida ao chegar ao Anexo, “o único jeito de manter a individualidade era contra-atacar” (Frank, 2017: 236). Esta individualização, sutilmente compreendida, era processo a ser continuado, ainda que por comportamentos opostos às expectativas dos adultos: “Concluí que os outros não tinham mais nada a ver comigo. Eles não tinham o direito de me virar para um lado e para outro como um pêndulo de relógio” (Frank, 2017: 236). Nesta longa aprendizagem, agiu sem a mãe e não poderia confiar no pai: “Eu só confiava em mim”. Quanto aos choques entre gerações e às brigas entre os adultos, considerou que os jovens tinham responsabilidade compartilhada, bem como os Frank nos conflitos com os Van Dan. Culmina demarcando-se da sua mãe e irmã, particularmente após a intenção declarada pelo governo no exílio de, após a Guerra, publicar uma coletânea de diários e cartas. Não conseguiria viver como os exemplos femininos do Anexo: “Preciso ter alguma coisa além de um marido e filhos... (...) Quero ser útil ou trazer alegria, mesmo àquelas [pessoas] que jamais conheci” (Frank, 2017: 279). Então, o amor por Peter já irradiava luz sobre o seu coração e mente.

Com efeito, esta nova visão da mulher sofre constante contradição no Anexo: de um lado, a Sra. Van Dan declara que as meninas precisam de menos educação e tenta livrar seu filho da tarefa de descascar batatas. Anne relata o machismo com fina ironia. De outro lado, porém, os Frank exigem para as filhas uma apurada educação. Otto era o mentor dos adolescentes, orientando um programa de estudos com as disciplinas escolares, para que, terminada a Guerra, os três jovens não estivessem atrasados. Era uma espécie de *home schooling*, de modo que todos tinham atividades além das tarefas domésticas. O trabalho escolar, esta atividade provisória, não remunerada, mas com esperada remuneração, contava com o rito dos deveres e era uma forma de ocupar o tempo disciplinadamente, com a autoridade do líder a substituir a dos docentes (Barrère, 2017). Prosseguia, assim, a interiorização do *habitus* escolar de um pequeno grupo de herdeiros culturais. As comparações entre eles eram visíveis, sendo Anne com frequência negativamente cotejada com sua irmã, ao passo que o silêncio protegia Peter. Afinal, era um rapaz...

7.4 O despontar do amor

Tendo abraçado nova feminilidade, Anne desliza de uma figura para outra até se interessar por Peter e ter um conflito com o pai, acima mencionado. Peter foi classificado, ao chegar ao Anexo, como garoto tímido e sem graça, cuja companhia não faria diferença. Garoto antipático que ficava na cama o dia inteiro, tão calado como Margot. “Sua Alteza... vem reclamando de lumbago (...) ... É um tipo hipocondríaco!” (Frank, 2017: 48). Ele lhe dava tapinhas na bochecha, o que a desagradava. Logo percebeu sua falta de convivência com garotas. Apesar disso, Anne construiu uma ponte entre ele e o primeiro Peter, sua paixão antes de internar-se na heterotopia. No início da adolescência apaixonara-se por Peter Schiff, que se afastou por considerá-la com pouca idade. Sua lembrança cavava-lhe um vazio: “Quando papai me beijou de manhã, eu quis gritar: ‘Ah, se você fosse Peter!’” (Frank, 2017: 188). A princípio Peter, no refúgio, era apenas um vulto entrevisto por uma fresta. Na solidão, busca-o para conversar. Falam natural e seriamente do sexo de Boche, na verdade, um gato, não uma gata. Como o sexo era visto como coisa secreta e repelente, Anne sentiu-se diferente. Na esteira desta identificação, trocam informações básicas sobre a anatomia sexual humana. Um olhar de Peter a fez sentir-se “maravilhosa por dentro” (Frank, 2017: 212), elevando a sua autoestima e a sua valorização como mulher. A vida melhora bastante a partir de um objetivo: a amizade de Peter. No processo de troca de confidências e de identificação, Peter Schiff e Peter van Daan se fundem num só, “num Peter que é bom e gentil e que desejo

desesperadamente” (Frank, 2017: 224). Descobre que desejava um rapaz, não uma amiga, mas um namorado, para ocupar o seu vazio. O amor então a tudo aquece: “Agora só vivo para Peter, porque o que vai me acontecer no futuro depende principalmente dele” (Frank, 2017: 237). Mais religiosa que seu pai supunha, ao deitar-se, terminava suas orações, agradecendo tudo o que é bom, amado e belo: “Penso no Esconderijo, na saúde e em todo o meu ser como o bom; no amor de Peter (... ainda tão novo e frágil...), no futuro, na felicidade e no amor como o que é amado; no mundo, na natureza e na imensa beleza de tudo, em todo esse esplendor, como o belo” (Frank, 2017: 237).

Não tardou a ser abalada a relação entre Anne e o seu pai. A admiração por este se substituiu pelo conflito: Otto adverte para ela não subir ao sótão tantas vezes: “Vocês estão vivendo tão perto, precisam ter cuidado.” Em seguida, o pai lembra a concepção patriarcal: “...É você que deve se conter (...) ...É sempre o homem que assume o papel ativo, e é dever da mulher mostrar os limites” (Frank, 2017: 307). Anne retruca que Peter é “um rapaz decente”, embora ambos concordem que ele não tem muita força de caráter. Anne sente que a maior preocupação do pai é a sua confiança em Peter. Como continuava a subir ao sótão, Otto a advertiu novamente, o que redundou numa mensagem catártica: devia confiar nela ou proibi-la de ir lá. O pai se sente injustiçado, o que deflagra mais uma dolorosa autocrítica de Anne.

Apesar disso, as paisagens externa e interna se afiguravam encantadoras. O sol, o céu azul e o castanheiro florido eram visões a partir do sótão. Entretanto, não chegara ainda o verão, nem o Dia D, quando as cores do seu amor se tornaram tão cinzentas como as do inverno: passou a soprar um vento cortante, a separar os namorados. Conquanto Anne reconhecesse as carências afetivas de Peter (“emocionalmente ainda uma criança”), ele a decepciona. Ainda ruboriza com o beijo de boa noite e pede outro, um adolescente que nunca estivera com garotas. “Peter é um doce, mas bati a porta de meu eu interior; se ele quiser forçar a fechadura, terá de usar um pé-de-cabra!” (Frank, 2017: 331). Nem completara 15 anos quando afirma a sua decepção com Peter: ele tranca seu eu mais íntimo, é avesso à religião, conversa desagradavelmente à mesa, sente-se inferior, não tem um objetivo. Adiante, depois de críticas à inferioridade da mulher e do augúrio de nova feminilidade, refere-se que Peter nela se apoia: “Já é difícil ficar sobre meus pés mas quando a gente tem de permanecer fiel ao próprio caráter e à própria alma, é ainda mais difícil” (Frank, 2017: 356). Havia diferenças básicas entre eles, passando a ser vistas como incompatíveis. “... Melhor ainda é quando ele me explica alguma coisa, em vez de eu ensinar a ele. Gostaria que ele fosse superior a mim em todos os sentidos!” (Frank, 2017: 271). Anne deixa escapar expectativas patriarcais, em especial comparando Peter com Otto. O encanto se dissipa pouco mais de dois meses antes da prisão de todos. O amor se esvai como sombra passageira, mas não é um amor líquido (Bauman, 2004). Trata-se de um amor sólido em busca da sua própria coerência. Para ela, ou tudo ou nada.

7.5. O poder

Se bem que Anne estivesse engolfada nas duras transformações da adolescência, tornando-se independente como sujeito, os sentimentos não apagavam as reflexões sociais de Anne. Antes do esconderijo, apesar dos admiradores e da vida ativa, referia-se às crescentes restrições aos judeus e à vida cheia de ansiedade dos parentes que sofriam na Alemanha. Vê à noite a perseguição aos judeus, comparável às caçadas a escravos: “...Longas filas de gente boa e inocente, com crianças chorando, andando sem parar, controladas por um punhado de homens que as empurram e batem

até elas quase caírem. (...) Sinto-me má ao dormir numa cama quente, enquanto em algum lugar meus melhores amigos estão caindo de exaustão ou sendo derrubados” (Frank, 2017: 87). Porém, sair do Anexo seria a exposição da identidade criminalizada, seguida da morte.

8. Considerações finais: vida depois da vida

Embora sem conhecer melhor os conflitos de Margot e Peter, o Anexo patenteia duras condições contrárias ao desenvolvimento adolescente, sem o convívio e o apoio de colegas de idade similar. Isso requer avaliar as heterotopias, em especial as prisões, as prisões juvenis, os pontos de recepção e guarda de migrantes e os campos de refugiados. Normas e realidade continuam a contrariar frontalmente a dignidade humana. Quanto à perspectiva da adolescência, o caso de Anne melhor se insere na perspectiva da subjetividade: ela se forma como sujeito histórico-social e cultural, tendo os adultos como orientadores, num processo tumultuoso. Ela não era massa modelável. Outra questão está nas afirmações de Foucault (2006) sobre o caráter dos genocídios no século XX, a serem analisadas. Os períodos pré-histórico e histórico revelam a prática de mortes em massa ou genocídios. Ao sabor dos achados arqueológicos, descobre-se que a guerra e o genocídio são muito antigos. Impérios da Antiguidade, como o Egito, utilizavam amplamente a escravidão e a morte em massa, de modo a apagar completamente grupos sociais e culturas (Roymans, Fernández-Götz, 2014). A colonização apresenta trajetórias sangrentas pelas armas e epidemias. Restaura a escravidão (e não há potências coloniais isentas), como “moinho de gastar gente” e “máquina de moer gente”, para reduzir povos à “ninguendade” (Ribeiro, 1995). A literatura hoje trata da história dos genocídios com profundidade cada vez maior (p. ex., Kiemann, 2007; Naimark, 2017). A discussão de Foucault e do biopoder passa, primeiro, pela definição de genocídio. Depois é preciso dedicar-se à sua história e ao esboço dos seus desdobramentos neste estranho século XXI (Zarka, Godin, Taussig, 2018).

Retornando ao autoexílio do Anexo, Anne emerge do processo de contradições como uma pessoa. Na solidão introspectiva desenvolve a individuação. Ante os desafios do confinamento e os riscos da morte, surge uma visão crítica e criativa: o mundo político internacional, a identificação das limitações dos adultos, a rejeição e a aproximação com os adolescentes sob o mesmo teto, o namoro e suas tensões, a assunção de simultâneas máscaras sociais enquanto o rosto mudava, a revolta como forma de sobreviver, a contínua transformação ante a implacável autocrítica. As descobertas da estrangeira sociológica lhe permitiram descerrar perspectivas diferentes das dos adultos. Neste processo social, salientam-se características individuais. Então, onde fica a vida? Derrotado o totalitarismo, brota das cinzas como ave frágil e esquálida. Prosseguem as contradições entre Abel e Caim, Eros e Tânatos, manifestas na guerra fria, nos conflitos armados e nos populismos suscitados em especial pelos imigrantes, estranhos buscando nossas portas, tão estranhos que oferecem suas vidas para não morrerem de guerra, fome e outras privações. Anne escreve: “Quero continuar vivendo depois da morte (...), por isso... agradeço a Deus por ter me dado esse dom [a escrita], que posso usar para me desenvolver e para expressar tudo o que existe dentro de mim!” (Frank, 2017: 279).

Em oposição à morte que renasceu e renasce em ondas no mundo de hoje, com a renovação dos genocídios (Balcãs, Camboja, Darfur, Ruanda...), a vida depois da vida, sagrou o *Diário*. Como num caleidoscópio, as angústias e os conflitos de Anne se refletem nos espaços e tempos, evidenciando que as dores e a vida transcendem o particular e se identificam com a vida mais

ampla, vivida sob ameaça por pessoas com todas as nuances físicas e com as identidades, inclusive de sexo, mais variadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assis, Machado de (1994). *Obra completa: Falenas*. Rio: Nova Aguilar.
- Barrère, Anne (2013). *Escola e adolescência: uma abordagem sociológica*. Lisboa: Piaget.
- Barrère, Anne (2016). Les élèves face au travail scolaire: d'inégales mises à l'épreuve (p. 167-184). In : Duru-Bellat, Marie ; Van Zanten, Agnès. *Sociologie du système éducatif: les inégalités scolaires*. Paris: PUF.
- Bauman, Zygmunt (2004). *Amor líquido*. Rio: Zahar.
- Butler, Judith (2010). *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque: Routledge.
- Cillesen, Antonius H.N., Schwartz, David, Mayeux, Lara, eds. (2011). *Popularity in the peer system*. Nova Iorque: Guilford.
- Coleman, James S. (1963). *The adolescent society: the social life of the teenager and its impact on education*. Nova Iorque: The Free Press of Glencoe.
- Cuin, Charles-Henry (2011). "Esquisse d'une théorie sociologique de l'adolescence ». *Revue Européenne des Sciences Sociales*, Paris, n. 49-2, pp. 71-92.
- De Beauvoir, Simone ([1949], 2015). *Le deuxième sexe*. Paris : Gallimard.
- Dubet, François (2017). *L'expérience sociologique*. Paris: La découverte.
- Duru-Bellat, Marie (2017). *La tyrannie du genre*. Paris: Presses de Sciences.
- Duru-Bellat, Marie, Kieffer, Annick, Marry, Catherine (2003). "Girls in school in France over the Twentieth century: investigating the claim of a double gender-class handicap". *Revue Française de Sociologie*, Paris, vol. 44, n. 5, pp. 49-77.
- Foucault, Michel (2004). Des espaces autres. *Ères, Empan*, Paris, n. 54, pp. 12-19.
- Foucault, Michel (2013). *Vigiar e punir*. Lisboa: Eds. 70.
- Foucault, Michel (2016). *Histoire de la sexualité: I – La volonté de savoir*. Paris: Gallimard.
- Foucault, Michel. *Le corps utopique, les hétérotopies* (2015). Defert, Daniel. « Postface ». 2^{ème} tirage. São Paulo: n-1 publications/Médiatèque Maison de France, 2015.
- Foucault, Michel, Rambaud, Frédéric; Leclair, Bertrand. *La volonté de savoir : droit de mort e pouvoir sur la vie*. Paris: Folioplus, 2006.
- Frank, Anne (2017). *O diário de Anne Frank*. 49^a ed. Rio: Record.
- Gomes, Candido Alberto (2012). Adolescência: conceito em busca da realidade? (pp. 17-47). In: Gomes, Candido Alberto; Nascimento, Grasiela A. Ferreira; Koehler, Sonia M. Ferreira (Eds.). *Culturas de violência, culturas de paz: da reflexão à ação de educadores, operadores do Direito e defensores dos direitos humanos*. Curitiba: CRV.
- Hall, George Stanley (1904). *Adolescence: its psychology and its relation to physiology, anthropology, sex, crime, religion, and education*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 2 v.
- Ingrao, Christian (2011). *Croire et détruire: les intellectuels dans la machine de guerre SS*. Paris: Fayard.
- Kieman, Ben (2007). *Blood and soil: a world history of genocide and extermination from Sparta to Darfur*. New Haven, Connecticut: Yale University Press.
- Marguerite, Hélène (2008). Genre et éducation. *Dossier d'Actualité de la VST*, Lyon, Sep.
- Mead, Margaret ([1928] 2001). *Coming of age in Samoa*. Nova Iorque: Harper Perennial.
- Naimark, Norman M. (2017). *Genocide: a world history*. Oxford: Oxford University Press.
- Nouss, Alexis (2016). *Pensar o exílio e a migração hoje*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Afrontamento.
- Pais, José Machado (2005). *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. 2. ed. Porto: Ambar.
- Ramos, Elsa; Singly, François de (2016). La construction d'un espace "à nous": la mobilité spatiale à l'adolescence. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, Paris, n. 111, pp. 58-67.
- Ribeiro, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Roymans, Nico, Fernández-Götz, Manuel (2014). Caesar in Gaul: new perspectives on the archaeology of mass violence. In: Brindle, T.; Allen, M.; Durham, E.; Smith, A. (Eds.). *TRAC 2014: Theoretical Roman Archaeology Conference, Reading 2014*. Oxford: Oxbow Books. pp. 70-80.
- Schütz, Alfred (2012). El forastero; ensayo de psicología social (pp. 27-42). In: Sabido, Ramos, Olga (Introd.). *El extranjero: sociología del extraño*. Madri: Sequitur.
- Simmel, Georg (2012). El extranjero (pp. 21-26). In: Sabido Ramos, Olga (Introd.). *El extranjero: sociología del extraño*. Madri: Sequitur.
- Susini, Marie-Laure (2018). Les mutantes (pp. 249-267). In: Zarka, Yves Charles, Taussig, Sylvie; Godin, Christian (Eds.). *Les révolutions du XXIe. Siècle*. Paris: PUF/Humensis.
- Touraine, Alain (2006). *O mundo das mulheres*. Lisboa: Piaget.
- Zarka, Yves Charles, Godin, Christian, Taussig, Sylvie (Eds.) (2018). *Les révolutions du XXIe. siècle*. Paris: PUF/Humensis.

Cândido Alberto da Costa Gomes. Doutorado em Educação pela Universidade da Califórnia, Los Angeles. É Professor Catedrático do Instituto de Estudos Superiores de Fafe, Portugal. Rua Universitária - Medelo, Apartado 178, 4824-909 Fafe. E-mail: candidoacg@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8498.3785.

Receção: 09-11-2019

Aprovação: 10-07-2020

Citação:

Gomes, Cândido Alberto da Costa (2020). Adolescência e feminilidade no *Anexo Secreto. Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 3(2), pp. 85-98. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav3n2a6